



DIÁRIO

República Federativa do Brasil

DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

ANO XXXIX — Nº 093

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1984

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 126ª SESSÃO, EM 22 DE AGOSTO DE 1984

1.1 - ABERTURA

1.1.1 - Finalidade da Sessão

Sessão especial destinada a homenagear a memória do ex-Senador Dinarte Mariz

1.2 - DESIGNAÇÃO DA ORDEM DO DIA DA PRÓXIMA SESSÃO. ENCERRAMENTO

2 - DISCURSOS PROFERIDOS EM SESSÃO ANTERIOR

Dos Srs. Aloysio Chaves e Humberto Lucena, pronunciados na sessão de 21-8-84.

3 — MESA DIRETORA

4 — COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

5 - COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

Ata da 126ª Sessão, em 22 de agosto de 1984

2ª Sessão Legislativa Ordinária, da 47ª Legislatura

Presidência dos Srs. Moacyr Dalla e Lomanto Júnior

ÀS 14 HORAS E 30 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Jorge Kalume — Altevir Leal — Mário Maia — Eunice Michiles — Fábio Lucena — Raimundo Parente — Claudionor Roriz — Galvão Modesto — Odacir Soares — Aloysio Chaves — Gabriel Hermes — Hélio Gueiros — Alexandre Costa — João Castelo — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — Almir Pinto — José Lins — Virgílio Távora — Carlos Alberto — Moacyr Duarte — Martins Filho — Humberto Lucena — Marcondes Gadelha — Milton Cabral — Aderbal Jurema — Cid Sampaio — Marco Maciel — Guilherme Palmeira — Carlos Lyra — Luiz Cavalcante — Albano Franco — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Lomanto Júnior — Luiz Viana — João Calmon — Moacyr Dalla — Amaral Peixoto — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Alfredo Campos — Amaral Furlan — Fernando Henrique Cardoso — Severo Gomes — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Mauro Borges — Gastão Müller — Roberto Campos — José Fragelli — Marcelo Miranda — Saldanha Derzi — Afonso Camargo — Álvaro Dias — Enéas Faria — Jaison Barreto — Jorge Bornhausen — Lenoir Vargas — Carlos Chiarelli — Pedro Simon — Octávio Cardoso.

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Sob a proteção de Deus iniciamos nossos trabalhos.

Declaro aberta a Sessão Especial do Senado Federal que, em atendimento ao requerimento do nobre Senador Aloysio Chaves e outros Srs. Senadores destina-se a homenagear a memória do ex-Senador Dinarte Mariz.

Srs. Senadores, Srs. Deputados, Srs. Membros da família do saudoso Senador Dinarte Mariz:

Dinarte Mariz foi o exemplo cabal do casamento perfeito entre um ser humano e sua vocação. Ao reverenciar sua memória, o Senado Federal, a uma só voz, reconhece e proclama ter sido ele a encarnação da arte política. Arte difícil, que requer sensibilidade; agudeza de espírito de renúncia; ambição de Poder; altivez e humildade; coragem e prudência; visão das coisas; conhecimento dos homens e espírito público.

Dinarte nasceu político, casou com a política, entrou em agonia fazendo política. Foi, indubitavelmente, um ser essencialmente vocacionado para a vida pública.

Antônio Balbino disse, certa feita, a Afonso Arinos, que os dois estavam longe de possuir a perfeição política de Dinarte Mariz. Lembrava que este não lera grego meu romano, mas era dotado de uma intuição política inigualável. E isso lhe permitia prever o fato político e entendê-lo em toda a sua extensão.

De fato, quantas vezes suas previsões pareciam raiar pelo absurdo. E, no entanto, acabavam, na maioria dos casos por confirmar-se. Não foi, por exemplo, por falta de suas advertências, que deixou de se evitar a edição do AI-5.

Evidentemente, não era a covardia que o compelia ao conselho de evitar confrontos. Sua vida é repleta de episódios que refletem sua bravura. Desconsiderado certa vez por um militar, ele retrucou que, enquanto muitos heróis se cobriram de glória em 1964, protegidos em suas casas, ele, já em 1935, havia lutado de armas nas mãos contra os comunistas.

A generosidade é a marca registrada da grandeza. E Dinarte foi, sem dúvida um generoso. Quando vencedor, jamais tripudiou sobre os vencidos. Ao contrário, impediu que eles fossem vilipendiados.

Dinarte combatia as idéias de que discordava, mas respeitava os homens que as defendiam. E que bela lição de vida nos deu, em seu leito de morte, ao chamar os adversários para com eles celebrar um pacto de fraternidade eterna!

Eis o ato político perfeito e acabado.

Conta Plutarco que Demóstenes aconselhava os jovens que o procuravam no exílio, a não seguirem a carreira política. O grande tribuno assegurava que, se pu-

| EXPEDIENTE | | | | | |
|--|---|----------------|---------------|-----------|---------------|
| CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL | | | | | |
| <p>AIMAN GUERRA NOGUEIRA DA GAMA Diretor-Geral do Senado Federal</p> <p>ALOISIO BARBOSA DE SOUZA Diretor Executivo</p> <p>LUIZ CARLOS DE BASTOS Diretor Industrial</p> <p>RUDY MAURER Diretor Administrativo</p> | <p style="text-align: center;">DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL</p> <p style="text-align: center;">Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal</p> <p style="text-align: center;">ASSINATURAS</p> <p>Via Superfície:</p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%;">Semestre</td> <td style="text-align: right;">Cr\$ 3.000,00</td> </tr> <tr> <td>Ano</td> <td style="text-align: right;">Cr\$ 6.000,00</td> </tr> </table> <p style="text-align: right;">Exemplar Avulso: Cr\$ 50,00 Tiragem: 2.200 exemplares</p> | Semestre | Cr\$ 3.000,00 | Ano | Cr\$ 6.000,00 |
| Semestre | Cr\$ 3.000,00 | | | | |
| Ano | Cr\$ 6.000,00 | | | | |

desse ter previsto os temores, os ciúmes, as calúnias e os desencantos da vida pública, teria preferido o suicídio a trilhá-la.

Definitivamente, a Demóstenes sobrava talento, mas faltava-lhe aquilo que é vital para um bom desempenho em todas as profissões: a vocação política. Se a Dinarte, em qualquer fase de sua vida, fosse dado voltar à juventude, a carreira que abraçaria seria a mesma que abraçou, que dignificou e que sublimou.

Nesta hora grave que o País atravessa, neste momento delicado da vida nacional, falta Dinarte, com sua visão política, com seu bom-senso, com seu conselho. Mas, resta-nos o exemplo de sua vida. Vida toda ela dedicada à política, essa difícil arte de promover o bem-comum.

O SR. PRESIDENTE (Moacyr Dalla) — Concedo a palavra ao nobre Senador Benedito Ferreira, primeiro orador inscrito.

O SR. BENEDITO FERREIRA (PDS — GO. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Governadores, Srs. Deputados, familiares do nosso querido e saudoso Dinarte Mariz.

Aqui estou, Sr. Presidente, num misto de tristeza e gratidão, tristeza porque em nome do PDS, em nome do meu Partido, do Partido engrandecido e dignificado por Dinarte Mariz, devo ser o intérprete dos companheiros, dos quase órfãos de Dinarte Mariz para dizer, aos presentes, ao Senado Federal e ao Brasil, o quanto nos pesa e aflige a ausência do inextinguível e querido, "Velho Senador do Povo do Norte Rio-Grandense".

Grato á confiança da minha Liderança, mas muito mais agradecido ao nosso pranteado Dinarte, por ter sido ele quem foi, para que seus amigos, após a sua partida, pudessem dele falar, como o faço agora; com saudades. Com saudades, é verdade, mas sobretudo com orgulho, especialmente o que, como eu, puderam desfrutar da sua amizade e ensinamentos.

Como é bom, Sr. Presidente, aos que aprenderam a conhecer e querer bem ao Senador Dinarte Mariz poder assinalar que o querido amigo foi daqueles que pautaram a sua existência no preceito e ciência de que, quando ele nasceu todos riam e ele chorava, e, contudo viveu de maneira tal, que hoje todos choramos, e ele, Dinarte, pôde partir alegre, alegre, com a consciência do dever cumprido e, por certo, espiritualmente rindo e feliz na busca do galardão reservado aos que aqui combateram o bom combate.

Dizem muitos, Sr. Presidente, que a vida é caprichosa e as mais das vezes paradoxal, nos seus caprichos. Em outras e mais apropriadas palavras, eu diria, Deus escreve certo em linhas que nos parecem tortas, isto porque foi exatamente um discurso em homenagem a um grande morto o que me aproximou do nosso querido Dinarte.

Em 21 de julho de 1971, mal chegado a esta Casa, fui designado pelo saudoso Senador Filinto Müller para, em nome da Maioria, reverenciar a memória do grande nordestino, do maior entre os maiores brasileiros, que foi Humberto de Alencar Castello Branco, e assustado, apreensivo, receoso mesmo, quando à enormidade da tarefa que me fora delegada pela minha Liderança, fui encontrar ânimo, o alento e o encorajamento exatamente naquele que não conhecia o medo. Eu tinha batido na porta certa. Foi do nosso sempre presente Senador Dinarte Mariz, foi dele que recebi o estímulo e as coordenadas para aquele discurso, aquele pronunciamento em nome do meu Partido, que realmente me asfixiava.

Mas, a generosidade, que foi, sem dúvida alguma, a divisa e a legenda de Dinarte, ao me receber, de maneira afetuosa e acolhedora, no seu gabinete, essa generosidade foi como que num crescendo e transbordando na medida em que lhe expunha as minhas dificuldades, que eu lhe confessava meus receios, naturalmente em face das minhas limitações para o desempenho de gigantesca tarefa. Como eu disse, receoso eu estava do ridículo, sem experiência, mas sobretudo com receio de decepcionar a minha liderança, e com isso o fuscar o brilho e a responsabilidade da homenagem que se propunha o Senado da República prestar ao falecido Presidente Castello Branco.

Mas eis que, Sr. Presidente, generosamente, Dinarte, o Velho Senador do Povo norte-rio-grandense, de maneira quase que paternal, perguntou-me: "Menino, você pensa que alguém chegou aqui sabendo?" Informado da minha pouca escolaridade, em razão das minhas origens e das dificuldades familiares que tive de assumir tão cedo, ele, generosamente, mais uma vez, indagou-me se o julgava, já que dizia se um seu admirador, se eu supunha fosse ele, Dinarte, suficientemente preparado para ter sido Prefeito, Governador, Senador e novamente Governador, e antes mesmo que eu pudesse expender o meu pensamento, ele, em seguida, mais coloquialmente, mais afetuosamente, a título de me encorajar disse que era um autodidata e que eu estava em situação muito melhor do que a dele, porque ele nem sequer o curso primário tinha podido concluir.

Está, Sr. Presidente, a característica do homem que estamos pranteando, e sabe Deus como será sanada essa lacuna, preenchido esse claro aqui nesta Casa, com a ausência de Dinarte. Outras, muitas outras lições simples, simples e práticas, mas todas muito construtivas, eu recolhi de lá para cá, nos ensinamentos do amigo, do amigo que sabia ser suave, suave como a pluma do algodão, e resistente como a fibra longa do seridó, e no entanto — aqueles que o conheceram bem o sabiam — tão duro

quando necessário; sabia como ser tão duro quanto o tungstênio do seu Cerro-Corá. Assim conheci e assim aprendi a respeitar e a querer-lhe bem e assim o foi, por certo, para quantos tiveram a felicidade do convívio e da amizade do "Estadista Sertanejo" Senador Dinarte Mariz.

Daí, por que, Sr. Presidente, aqui estou, neste desempenho, possuído por esta mistura de tristeza, gratidão e saudades, falando em nome do PDS, em nome do partido de Dinarte Mariz, em dorida homenagem. Ao vulto que com muita propriedade, registrou o ilustre Desembargador Mário Moacir Porto, quando festejávamos os 80 anos de Dinarte Mariz. Sobre ele o seu velho amigo, de maneira muito feliz, deixou assentado: "Foi sempre um ativo participante da vida, um homem que sem sair da vida já entrou para a História".

Aqui estou, Sr. Presidente, para falar da figura do saudoso Senador Nilo Coelho, também nordestino forjado nas durezas do agreste pernambucano — e, por essa razão, verdadeiro "durão", e durão como todos nós o conhecemos: e, por conseguinte, pouco dado ao elogio fácil. Com tudo isso, é da lavra de Nilo Coelho a afirmação de que "Dinarte Mariz é uma página viva da História recente do Brasil". Por certo, com certeza absoluta, tivéssemos aqui no Senado a presença física de Dinarte Mariz, e consultado por mim como invariavelmente eu tinha o privilégio de fazê-lo em razão do seu apego à síntese — síntese caracterizada pela objetividade dos seus discursos, os quais sempre carinhosamente adjetivados por nós, os seus amigos, com pronunciamentos curtos e grossos, vale dizer, expressando tudo em poucas palavras, colocando guizo no gato, muitas vezes desejados por tantos e por quantos, mas que cabia, finalmente, ao corajoso Dinarte, com seus pronunciamentos, fazê-lo. E teria ele, por certo, me recomendado para que, neste discurso, eu me limitasse a repetir aqui as palavras escritas por Rubens Azevedo Lima. Rubens, um crítico, mais das vezes contundente, chegando, às vezes, ao limiar da impiedade, com aqueles que ele entende, com sua inteligência, estar a merecer reparos mais severos, anotou sobre Dinarte algo que nós, os seus amigos, precisamos guardar, com muito carinho. Rubens disse, sobre Dinarte: "Desse político de longa militância não se pode esquecer, ainda que chegue aos 80 anos, sem que nele se aponte nenhum ato de improbidade."

Poucos, talvez, Sr. Presidente, neste mar de lágrimas, neste vale e neste rebofo, para o qual nós somos remetidos exatamente para sermos burilados, conseguimos atravessar uma existência tão fecunda, tão fértil, tão participativa e, aos 80 anos de idade, receber de um julgador severo essa sentença. "...ainda que chegou aos 80 anos de idade sem que nele se aponte nenhum ato de improbida-

de". Isso é muito significativo, Srs. Senadores e Srs. Deputados, familiares de Dinarte Mariz, é muito significativo no nosso meio, em face do nosso baixo nível de educação política, quando nós verificamos, mais das vezes, em nosso meio, em nós mesmos, o descuido em aceitando os julgamentos precipitados, os julgamentos mais absurdos e injustos para com os nossos companheiros da vida política. Nós temos muita facilidade, nós somos muito receptivos à maledicência. Daí por que muitos, amargurados com a vida pública, deixam-na sob a alegação de que é mais fácil, no nosso País, verificar ser considerado um mulher pública, no sentido pejorativo, do que o homem que abraça e se consagra à vida pública brasileira.

Talvez Dinarte, benevolente, generoso e compreensivo para com as fraquezas dos amigos, por insistência minha, por gostar, como sempre gostei dos discursos quilométricos, me relevasse acrescentar aqui, nesta oportunidade, o epitáfio que lhe fora preparado em vida pelo seu dileto, pelo seu querido amigo, amigo e companheiro de tantas jornadas e que Deus o chamou bem antes para o seu convívio, o Deputado Djalma Marinho.

Segundo Haroldo Holanda, carinhosamente, — como não poderia ser de outra forma — Djalma, sempre que falava sobre Dinarte, na sua ausência, prometia escrever na lápide que guardasse os seus restos mortais, sintetizando-lhe, naturalmente, o seu trânsito entre nós, o seguinte: "Eis aqui um homem que foi leal aos seus amigos".

De minha parte, Sr. Presidente, admitindo ser a lealdade aos amigos como que uma virtude que vai rareando e ficando cada vez mais escassa, neste mundo dominado pelo egoísmo, neste, parece-me, final dos tempos, em que as figuras que merecem tal epitáfio há muito já se tornaram raça em extinção, mesmo assim, eu gostaria de ir um pouco mais além do que ousava ir Djalma Marinho. Eu acrescentaria: Dinarte foi leal aos seus amigos, mas, sobretudo, foi generoso para com aqueles que se fizeram seus inimigos.

Ainda, por acréscimo, para que conste dos Anais e informe melhor a posteridade, sobretudo, aos jovens, aos estudantes pobres que inspiraram a vida e motivaram a existência fecunda de Dinarte, para que a posteridade tenha nele um modelo e um exemplo edificantes do patriota, do "estadista sertanejo", como bem o definiu o Governador José Agripino Maia. Sr. Presidente, falemos alguma coisa sobre o irrequieto menino loiro, de olhos azuis, lá das Areias, daquela parte da Fazenda Solidão. Vejamo-lo como o quinto, entre os quatorze irmãos, filhos do Major Mariz e de Maria Cândida; vejamo-lo aprendendo as primeiras letras em casa e as poucas seguintes em Serra Negra, para, sem concluir, como ele bem informava, o curso primário, ingressar na universidade da vida.

Empreendedor, esse rapazola, muito cedo, viu no comércio, na compra e na venda do algodão, de peles e couro, uma atividade lucrativa. A ela, se dedicou com afinco para se fazer rico e poderoso, mas, sobretudo, um rico desprendido e generoso, como ninguém. Fez-se próspero, conhecido e respeitado no seu Estado, como também nas praças do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A inspirá-lo tinha a sua Diva, roubada do severo genitor Vigoldino, que residia em Campina Grande, na vizinha Paraíba. Descartes, seu irmão, denuncia com uma certa graça, essa façanha e essa faceta do nosso herói, comentando a transferência deles para Serra Negra, diz: "Dinarte nesta época começou a namorar com Diva em Serra Negra. O pai, Vigoldino, político em Campina Grande, na Paraíba, e comerciante de gado, não queria o romance, por achar Dinarte muito moço. Diva tinha 14 anos de idade. Dinarte sempre impetuoso, furtou Diva e casou-se, numa união que dura até hoje".

Nascido em 23 de agosto de 1903, completaria fisicamente entre nós, amanhã, 81 anos de idade, mas a verdade é que Dinarte não só nasceu numa época das mais

difíceis da história do nosso País, como, nasceu e cresceu no meio de uma Região, que, parece-me, pela falta de chuvas e inclemência do sol, foi destacada por Deus, deste imenso, rico e ameno Brasil, para forjar e temperar os bravos norte-rio-grandenses do Seridó, especialmente aquele que, aos 27 anos, colocou em risco toda a tranquilidade de um próspero empresário e a da sua própria família e abraça a política na busca de melhores condições para a sua gente. Entrou Dinarte na política, exatamente, no calor da Revolução de 1930.

Dois anos após, fiel às suas origens e formação, rompe com a ordem e governo estabelecido com a Revolução, e ao lado e comandando os seus amigos e seguidores forma ao lado os Constituintes do 9 de Julho de 1932, derrotados, foragidos e exilados ou presos os chefes do movimento, vamos ter notícias de Dinarte, refugiado na Paraíba por intermédio de seu irmão Descartes, que narra: "quando Dinarte esteve refugiado em 1934, na política contra Mário Câmara, na fazenda de seu cunhado Juca, em Patos, Paraíba, eu ia duas vezes por semana visitá-lo levando notícias e servindo de ligação com os correligionários. Depois Dinarte, voltou ao Estado, fizemos a Campanha e ganhamos as eleições, derrotando a selva-geria do Interventor, que jogava a polícia contra nós, empiquetava as estradas e espancava a oposição, ameaçando de morte".

Temos aí, Sr. Presidente, como foi forjado o político que conhecemos aqui.

Deste exílio na Paraíba, nos informa Descartes, foi que Dinarte remete a publicação a "Carta aos homens de bem".

Sr. Presidente, trago aqui o trecho de um depoimento a respeito do nosso Dinarte Mariz que julgo muito oportuno que conste dos Anais do Senado. Trata-se de uma declaração do ex-Reitor e ex-Presidente da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Professor Onofre Lopes — parece que recentemente falecido — no qual, com o talento e a independência dos homens de bem, traça o perfil do nosso herói, afirmando:

"Homem de grande espírito, combativo, de bravura cívica e pessoal, inexcedível, entretanto prudente e sensato. Conheci-o logo após os primeiros anos da Revolução de 1930. Era um jovem líder para quem todos se voltavam com confiança. Generoso, atento e destemido, foi articulador eficiente e participante de destaque, inclusive financeiro, em quase todas as revoluções que visaram a banir o despotismo, a irresponsabilidade e a subversão ideológica. Foi chamado "General Dinarte", quando, em 1935, os comunistas dominaram Natal. De surpresa, dominaram o quartel do Exército, instalando um governo amoral e de rapina. É que Dinarte arrematou gente do sertão e do Estado vizinho da Paraíba, armando um bom contingente de voluntários à frente dos quais marchou para a libertação de Natal, travando renhida luta na Serra do Doutor. Depois da Revolução de 30, um interventor desabusado demitiu, sumariamente, sem qualquer escrúpulo, diversos oficiais da Polícia Militar que se manifestaram contra os seus desmandos. Diante das dificuldades de vida desses fiéis servidores, Dinarte solicitou o apoio financeiro de companheiros seus para que, juntos, fizessem o pagamento mensal do vencimento dos mesmos, o que foi cumprido durante alguns meses. Depois, com o cansaço desses companheiros, Dinarte, ele só, sem qualquer constrangimento e com toda a pontualidade, continuou a fazer o pagamento, atenuando, assim, a angústia da sobrevivência dos dignos militares, tantas vezes convocados para o serviço da ordem pública, como mais uma vez o fariam em 1935, quando o Quartel da Polícia Militar, apenas com poucas dezenas de

homens, resistiu, até o último cartucho, à orda comunista que saqueou e deu mostras do seu falso idealismo nas ruas de Natal."

Cortez Pereira, Sr. Presidente, ex-Governador, ex-Senador, Professor universitário, com toda a sua erudição, superou a si mesmo, quando traçou o perfil de Dinarte Mariz. Diz ele:

"Há em Dinarte tanto para se respeitar em razão do todo, que não ficaria quase nada para se incriminar em razão das partes."

Sr. Presidente, na monografia publicada em homenagem aos 80 anos de Dinarte, qualquer homem de letras encontrará, nos depoimentos ali contidos, elementos para escrever vários volumes sobre esta fascinante figura e exemplo de homem que foi Dinarte Mariz.

De minha parte, de um rápida leitura, como percebem os que a conhecem e me ouvem, mas leitura que será muitas vezes repetida, pude constatar, em todos os depoimentos, cada um examinando um ângulo diferente da personalidade inconfundível de Dinarte, mas quase todos, como um canal de um rio perene, como que, por gravidade, todos direcionando para suas virtudes maiores que ordenaram a vida, até mesmo como partes inerentes, do velho capitão Dinarte, a solidariedade e a generosidade.

Na verdade, foi talvez, o Professor Joaño de Paula Rego, com a sua acuidade de jornalista e sensibilidade de poeta que mais deve ter tocado o "Velho Capitão", ao saudá-lo pelos seus 80 anos. Ao traçar o perfil de Dinarte, o Professor Joaño foi fundo na alma, tenho certeza. Rebuscou o velho e vibrante coração de Dinarte, remexeu no seu espírito, remexeu na razão de ser e de existir do nosso homenageado, especialmente quando invoca "as tertúlias de sabedoria" vividas por Dinarte com o seu querido primo, José Augusto Bezerra de Medeiros, sobre o qual, percebíamos, Dinarte, a ele referia-se nas nossas conversas, com saudade carregada de muita reverência.

Ainda é do Professor Joaño o que vai aqui transcrito, buscando uma figura sobre a acuidade, sobre a sensibilidade política de Dinarte Mariz. À certa altura o Professor Joaño traz que:

"Schubert não viu nunca o mar, mas nenhum compositor, nenhum pintor, nem poeta algum, salvo Homero, nos fez compreender como ele, seu calmo esplendor, seu mistério e suas cóleras, e prossegue:

"Assim é Dinarte, um homem de seu tempo e de todos os tempos, personalidade que enche com sua presença mágica e lógica, todo o século em que vive. Sua vida pode ser descrita em dois tempos: Solidão e volta. Saiu de "Solidão", conheceu o amor da multidão e empreende, agora, aos poucos, a volta às origens, sempre imantado pela terra, suas raízes e seus minerais de amor e de sonhos. Dinarte vive para sempre. Ele tem o tempo da vida, da multidão, da semente que traz em si sua própria germinação. Ele nunca esteve só, nem estará sozinho. Dizia Marguerite Youcenar: "Só se morre quando se está só". Em seu coração cabe o mundo. Pode cantar como Drummond: "Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é o meu coração."

Há um trecho de uma oração de Tibério, no Senado Romano, que poderia cair dos lábios de Dinarte, numa revelação íntima de vida autodefinida:

"Quanto a mim, declara-vos, Senadores, que não sou mais que um mortal e que apenas cumpro os meus deveres de homem; que me basta ocupar dignamente o meu lugar entre vós, e o meu desejo é que

tal não esteja esquecido pelos que vierem depois de mim. Prestarão Justiça, e mais do que Justiça à minha memória, se julgarem que fui digno dos meus antepassados, cuidadoso dos vossos interesses, firme no perigo, inabalável diante dos inimigos que não temi, ao serviço do bem público. São estes os templos que eu desejaria elevar em vossos corações, estas, as mais belas estátuas e as que mais duram. Quanto aos monumentos de pedra, se o julgamento da posteridade se muda em ódio, não serão mais que sepulcros deonrados. Assim invoco os Deuses para que me concedam até ao fim dos meus dias um coração firme e consciente dos meus deveres para com eles e para com os homens; e peço aos meus concidadãos e aliados que, quando eu deixar este Mundo, honrem a minha vida e o meu nome, com a sua aprovação e me guardem na sua lembrança". (Tibério, citado por Tácito, e reproduzido por Axel Munthe, em o Livro de San Michele, págs. 376/377)

Dinarte chega aos 80 anos, envelhecendo como as árvores grandes envelhecem, no verso de Bilac, cheias de pássaros e cantigas nos ramos, e dando sombra, abrigo, carinho, agasalho e amor aos que padecem, aos viandantes e herdeiros dos desertos. Dinarte é, no falar de Guimarães Rosa: "Alguém melhor que as palavras possíveis da gente".

Concluindo, Sr. Presidente, eu diria que, Dinarte enquanto fisicamente entre nós, muito representou para o Rio Grande do Norte e para o Brasil, em muito ajudou os seus conterrâneos e patrícios, o maior serviço que nos prestou e continuará prestando, especialmente para os que tiveram a felicidade de ler a história de sua gloriosa vida. O Historiador, sendo fiel aos fatos, mostrará que Dinarte Mariz foi um exuberante e insofismável atestado das excelências da Democracia, do regime pelo qual consagrou a sua vida, foi e será o exemplo permanente de que, um menino oriundo da pobreza nordestina, mesmo sem muitas letras e o verniz das Faculdades, pôde no Regime da Livre Iniciativa, ser Governador, Prefeito, Governador e Senador da República, pôde servir a sua Pátria, gastar a sua fortuna pessoal tão duramente amealhada, para servir a sua gente na política.

Pôde Dinarte Medeiros Mariz construir as escolas, os colégios e a Universidade que não pôde cursar.

Dinarte, Srs. Senadores, plantou árvores, teve filhos e os preparou para a vida, mas muito mais do que isso ele fez, recolheu, amparou e encaminhou muitos filhos de muitos Manoéis e Marias, que nele buscaram o seu permanente e generoso apoio.

Não escreveu um livro de contos, ficção ou de estórias, mas ele fez a História e para ela entrou na certeza de que, ao sair da vida para o repouso junto ao Supremo Arquiteto do Universo, sobre ele muito já se escreveu, muito ainda será escrito, especialmente por aqueles que pretenderem fazê-lo, tendo como tema central a Generosidade e a Solidariedade Humana.

À esposa, filhos, netos, genros e noras a certeza de que se para Carlos Drummond, Milton Campos foi o homem que a gente gostaria de ser, Dinarte Mariz foi o Amigo, o Líder, o Homem, de quem a gente — eu, de modo particular — gostaria de ser descendente.

Era o que eu tinha a dizer. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Concedo a palavra ao nobre Senador Cid Sampaio, que falará em nome do Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

O SR. CID SAMPAIO PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Concedo a palavra ao nobre Senador Nelson Carneiro, Líder do PTB.

O SR. NELSON CARNEIRO (PTB — RJ. Como Líder, pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, família, amigos e admiradores de Dinarte Mariz:

Na tarde de 15 de setembro do ano passado, o Senado Federal reunia-se para saudar os 80 anos de Dinarte Mariz. Todos sabíamos dos problemas de saúde que já o afligiam, mas ninguém tinha dúvida das de que ele triunfaria mais uma vez.

Disse-lhe, ao termo de uma saudação improvisada, que esta Casa esperava conservá-lo por muito tempo e, talvez, outros que não eu pudessem aqui festejar seus "90 anos e que 90 anos não são nada para esse homem curtido pelo sol do Nordeste, vivendo as agruras e também as poucas alegrias que marcam a gente da sua terra".

Não eram palavras de amizade e nem vestiam falsa convicção. Quem o conheceu sabia que era de esperar demorar-se um instante da despedida, e aqueles que o acompanharam, desde os dias distantes da União Democrática Nacional, e o viram superar todos os obstáculos e sobreviver a todos os embates que enfrentou, tinham razões para confiar que não lhe faltariam forças na batalha em que se empenhava. Mas o lutador não se entregou e, dia a dia, meses seguidos, enfrentou o desenlace, de igual para igual, até que a adversária implacável o surpreendeu de tocaia. Hoje, ele aqui comparece, como sempre o vimos, ainda nos momentos mais tumultuosos da vida política. Franco, decidido, enfrentando críticas, sustentando convicções.

Desde quando o conheci na Câmara dos Deputados, na Constituinte de 1946, foi o mesmo intrépido, sem usar a palavra para esconder o pensamento, ainda quando não esperasse o aplauso dos colegas e das galerias. Tinha a bravura dos simples e não conheceu o silêncio das falsas conveniências. Seu discurso era como ele, aberto, generoso, descontraído, corajoso, leal. Cultuou os amigos e não quis deixar o mundo sem estender a mão aos mais ardorosos adversários.

Na memorável aula magna proferida na Universidade Federal de Minas Gerais, Milton Campos, ao louvar a tolerância, depunha sobre a radicalização: — "Quem examina a história das idéias verifica que elas nascem, florescem e morrem. Muitas delas mais tarde ressurgem e percorrem as mesmas etapas. No domínio das idéias políticas, a teoria de ciclos de Políbio ainda é boa tentativa de explicação do mistério do poder e da sucessão de suas formas. Na curta vida de cada um, as mudanças se operam. Quantas variações de julgamento, quantos erros reconhecidos, quantas ilusões desfeitas. As idéias e os juízos, como as árvores mais firmes, têm o seu outono, em que caem as folhas. E a intolerância dos radicais se revela mais nas folhas efêmeras do que nos troncos duradouros. É o velho vício, inveterado na política, de se lutar pelo acidente, com esquecimento da essência".

Dinarte foi, no curso de sua longa e acidentada vida pública, um radical na defesa de suas convicções. Se algumas vezes deixou que seus juízos conhecessem outono, e caíssem como as folhas, várias idéias conservou viçosas até à hora derradeira, ainda semeando desgostos e recolhendo incompreensões. Sua presença no partido oficial nunca o impediu de criticar veementemente os erros acumulados, no decorrer de décadas, no trato dos problemas do Nordeste. Não o impressionava o acidente, batia-se pela essência. O chão calcinado da região castigada pela inclemência do sol e pela descontinuidade de tratamento era tronco duradouro, na sua linguagem áspera, dura, molhada no sacrifício de sua gente. Foi, então, um radical, e ainda bem que o foi, aquele homem completo, a que se referia Nilo Coelho, "uma consciência indispensável à inteligência parlamentar e administrativa brasileira, um homem que conhece, como poucos, a realidade de sua região, em todos os seus aspectos, do social ao físico, da aristocracia à pobreza, do sertão

ao litoral". Foi ontem que ele, o leal Dinarte Mariz, deixou de comparecer à nossas sessões. E por isso mesmo ainda o sentimos ao nosso lado, e as palavras, lavadas pelo vento da admiração e da amizade, vão voando até Caicó, para que novamente lhe chegue o testemunho de que não foi em vão sua passagem pelo Senado Federal e aqui fica, mais que a saudade, mais que a lembrança, aqui permanece viva, diária, sua cordial e vigorosa presença. E a sentem não só os seus colegas, igualmente a sentem os seus familiares, os seus colaboradores, os seus amigos, os seus admiradores e até os seus adversários. A saudade é a lembrança do que não volta; a lembrança é a saudade do que pode voltar. Dinarte, não. Ele é presente.

Esta é a lição que se recolhe de sua nobre vida e se constata nessa enternecedora sessão de reencontro. Aqui, meu caro Dinarte, tua estranha solidão, solidão cheia de multidões, de muitos aplausos e de tantas críticas; solidão repleta de afeições duradouras e de desafeições desfeitas. Tua presença ainda uma vez enche esta Casa e o Partido Trabalhista Brasileiro aqui comparece para indagar:

"Tu, que foste um milionário de amizades, qual o significado já agora ignorado do substantivo solidão?" (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Concedo a palavra ao nobre Senador Moacyr Duarte, digno representante do Estado do Rio Grande do Norte e que se senta hoje na cadeira do inesquecível Dinarte Mariz.

O SR. MOACYR DUARTE PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Exm^o Sr. Governador do Rio Grande do Norte, Dr. José Agripino Maia, da terra de Dinarte; Exm^o Sr. Dr. José Fernandes Dantas, Presidente do Tribunal Federal de Recursos e, talvez, a última personalidade que Dinarte me tenha descrito como um exemplo de vitória — saindo lá do seu Pau dos Ferros conseguiu atingir as culminâncias de um tribunal federal; Exm^o Sr. Deputado Paulo Salim Maluf, candidato do PDS à Presidência da República, um dos fraternais amigos de Dinarte, e de quem Dinarte era um dos mais fervorosos adeptos; Exm^o Sr. Dr. Lavoisier Maia, ex-Governador do Rio Grande do Norte; demais figuras representativas daquele Estado que aqui vieram para prestar conosco as justas homenagens ao inesquecível Senador; membros da numerosa família dos Wanderley Mariz:

Sou filho de uma terra mística mas não há nenhum misticismo nas palavras que vou pronunciar nestes momentos finais. Há momentos, meus Srs., meus colegas Senadores, há momentos na minha vida em que me encontro com Deus e sinto a segurança das suas mãos, sobretudo naqueles momentos procelosos da minha vida. Mas há momentos, também, de tristeza, como é o atual, de exaltação, que estamos vivendo, que Deus me concede o privilégio de presidir, na fase final das homenagens a Dinarte Mariz.

Fui amigo de Dinarte; diria melhor, fui um jovem que hauriu da sua personalidade o seu exemplo. Governador da Bahia, quantas vezes, aqui, nesta Casa, nas conversas que mantínhamos, ouvi tantos conselhos que eu transferei em diretrizes para o cumprimento da minha espinhosa missão no convívio, no longo convívio da Câmara dos Deputados e do Senado da República, cada dia mais se acendia o meu amor, a minha admiração, a minha estima por aquele grande varão.

Poucos dias, Srs. Senadores, tive que regressar ao meu Estado para gozar o recesso parlamentar. Eu fui em companhia de um amigo, que vou citar porque é um dos mais modestos, mas dos mais assíduos, um homem que quando falava e pressentia que Dinarte ia embora, as lá-

grimas desciam na sua face, era um daqueles tantos que ele havia tirado lá das caatingas do Rio Grande do Norte, para fazer personalidade na Casa do Congresso. Francimar era quem, diariamente, me trazia notícias do seu estado de saúde e, às vezes, quando ele estava mais combalido, as lágrimas corriam dos seus olhos. Estava com ele, e em companhia de mais dois colegas, dois Senadores da República, já quase às vésperas do desenlace. Dinarte segurou-me na mão, os demais Senadores saíram, ficaram apenas a minha pessoa e a do seu protegido, segurou-me na mão como se estivesse dando-me o último adeus, e me disse:

“Persevere, não saia da luta, não se distancie do seu caminho; você que eu vi menino, começar Vereador em Jequié, prossiga na sua caminhada. Eu sei que espinhos já fizeram sangrar os seus pés e os cardos pontilham a sua caminhada. Mas permaneça peregrino, permaneça como eu permaneci até a morte.”

E eu lhe respondi, dizendo que aqueles conselhos não eram os últimos, porque eu ainda esperava ouvir dele muitos outros que, ao invés de me provocar depressão, eram um estímulo de Dinarte que, naquela hora, estava me encorajando.

Dinarte percorreu como ninguém, e eu diria apenas para citar um outro nome de um baiano, Otávio Mangabeira, que foi o meu chefe, que foi o inspirador da minha carreira política; Dinarte percorreu como ninguém, ou como poucos, os inóvios caminhos da vida pública.

A vida pública, Srs. Senadores, é uma estrada de pobreza, a vida pública é um caminho de renúncia, a vida pública é um corolário de sacrifícios. Dinarte viajou e não se desviou um instante da pobreza, do sacrifício, do sofrimento. Era um homem rico, possuía centenas de apartamentos; foi empobrecendo, porque a carreira política não enriquece ninguém. E os que porventura tenham enriquecido, não o fizeram senão por meios ilícitos, porque ela é formada por caminhos espinhosos que sangram os pés dos que querem servir à causa pública. Eu digo sempre: eu não aprendi, Srs. Senadores e membros da família de Dinarte, no catecismo, o mandamento, “amai ao próximo como a vós mesmos”. Eu não o aprendi no catecismo. Eu o aprendi muito mais no exercício da vida pública, como Dinarte o aprendeu na prefeitura de Caicó e nos diversos mandatos que exerceu. Foi ali que nós sentimos que esse sublime mandamento deve ser o estandarte de todo homem público.

Encerro esta sessão agradecendo a presença de todos e exortando-o, meu caro Wanderley: você, permita-me a intimidade, tem uma grave responsabilidade. Você, ao lado deste Senador eminente, cuja cadeira continuará preenchida, na plenitude, pela inteligência, pela dignidade, pelo espírito público que é Moacyr Duarte, vocês dois têm uma grave responsabilidade: vão seguir a bandeira, continuar adentrando as caatingas do Rio Grande do Norte e levando a palavra de esperança, a palavra de esperança que foi sempre a palavra que Dinarte espargiu por toda aquela terra. Quero dizer à Dona Diva, que não está presente, que a sua ausência física é a demonstração maior do sofrimento que invade sua alma neste momento. Todos já falaram de Dinarte. Por que, meu Deus, eu não encerrei esta sessão sem tomar o tempo precioso dos que aqui estão presentes? Mas eu trairia a mim próprio, eu frustraria a mim próprio se, presidindo, porque um detentor do poder tem, sem dúvida alguma, a marca da divindade, e não usasse da palavra. E nesta hora em que tenho o privilégio de presidir esta reunião de saudade, esta reunião em que todos falaram da vida e da morte, eu concluo, Srs. Senadores, Srs. Deputados: Dinarte não morreu, viva Dinarte! (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Nada mais havendo que tratar, vou encerrar a presente sessão, designando para a ordinária de amanhã a seguinte

ORDEM DO DIA

1

Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 1981 (nº 3.035/80, na Casa de origem), alterando o art. 1º da Lei nº 6.226, de 14 de julho de 1975, que dispõe sobre a contagem recíproca de tempo de Serviço Público Federal e de atividade privada para efeito de aposentadoria, e dá outras providências, tendo

PARECERES FAVORÁVEIS, sob nºs 971 e 972, de 1981, das Comissões:

- de Segurança Nacional; e
- de Finanças.

2

Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 10, de 1981 (nº 1.529/79, na Casa de origem), que dispõe sobre a aposentadoria, com proventos integrais, dos ex-combatentes segurados da Previdência Social, tendo

PARECERES FAVORÁVEIS, sob nºs 354 e 355, de 1981, das Comissões:

- de Legislação Social; e
- de Finanças.

3

(Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 44, de 1981 (nº 587/79, na Casa de origem), que veda aos veículos de comunicação de massa (rádio, televisão, cinema, jornais, revistas, cartazes, anuários ou qualquer outro tipo de publicação) aceitar a autorização ou a veiculação de anúncios e de comerciais que não sejam negociados, produzidos, criados, filmados, gravados, copiados — imagem e som — por profissionais e empresas brasileiras, tendo

PARECERES, sob nºs 186 e 187, de 1983, das Comissões:

- de Economia, favorável, com voto vencido dos Senadores Bernardino Viana, José Lins e Lenoir Vargas; e
- de Finanças, favorável.

4

Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 53, de 1977 (nº 227/75, na Casa de origem) que dispõe sobre condições a observar na renovação de contratos de atletas profissionais, e dá outras providências, tendo

PARECERES FAVORÁVEIS, sob nºs 1.360 e 1.361, de 1981, das Comissões:

- de Legislação Social; e
- de Educação e Cultura.

5

Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 1979 (nº 4.257/77, na Casa de origem) que autoriza a alienação de imóveis residenciais da Rede Ferroviária Federal a seus ocupantes, tendo

PARECERES sob nºs 335 e 336, de 1980 e 635 a 637, de 1981, das Comissões:

— de Transporte, Comunicação e Obras Públicas, 1º pronunciamento: contrário; 2º pronunciamento: favorável ao Projeto e à Emenda de Plenário;

— de Finanças, 1º pronunciamento: favorável; 2º pronunciamento: favorável à Emenda de Plenário; e

— de Constituição e Justiça, pela constitucionalidade e juridicidade do Projeto e da Emenda de Plenário.

6

Votação, em turno único, do Requerimento nº 784, de 1983, de autoria do Senador Henrique Santillo, solicitando, nos termos dos arts. 75, c, 76 e 77, do Regimento Interno, a criação de uma comissão especial mista, composta de 11 (onze) senadores e 11 (onze) deputados, para, no prazo de 120 (cento e vinte) dias, com a colaboração das entidades mais representativas da sociedade civil, discutir e apresentar soluções para a crise econômico-financeira do País.

(Dependendo de Parecer da Comissão de Economia.)

7

Votação, em turno único, do Requerimento nº 168, de 1984, de autoria do Senador Humberto Lucena, solicitando, nos termos do art. 371, c, do Regimento Interno, urgência para a Mensagem nº 248, de 1982, pela qual o Senhor Presidente da República solicita autorização do Senado para que a Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires (SP), possa contratar operação de crédito no valor de Cr\$ 52.217.541,95 (cinquenta e dois milhões, duzentos e dezessete mil, quinhentos e quarenta e um cruzeiros e noventa e cinco centavos).

8

Votação, em turno único, do Requerimento nº 169, de 1984, de autoria do Senador Humberto Lucena, solicitando, nos termos do art. 371, c, do Regimento Interno, urgência para a Mensagem nº 249, de 1982, pela qual o Senhor Presidente da República solicita autorização do Senado para que a Prefeitura Municipal de Santa Bárbara D'Oeste (SP), possa contratar operação de crédito no valor de Cr\$ 30.516.357,59 (trinta milhões, quinhentos e dezesseis mil, trezentos e cinquenta e sete cruzeiros e cinquenta e nove centavos).

9

Votação, em turno único (apreciação preliminar da juridicidade, nos termos do art. 296 do Regimento Interno), do Projeto de Lei da Câmara nº 79, de 1979 (nº 1.511/75, na Casa de origem), que acrescenta parágrafo ao art. 5º da Lei nº 3.807, de 26 de agosto de 1960, que dispõe sobre a Lei Orgânica da Previdência Social, alterada pela Lei nº 5.890, de 8 de junho de 1973, tendo

PARECERES, sob nºs 692 e 693, de 1982, das Comissões:

— de Legislação Social, favorável, nos termos de Substitutivo que apresenta; e

— de Constituição e Justiça, pela injuridicidade do Projeto e do Substitutivo da Comissão de Legislação Social, com voto vencido, em separado, do Senador Franco Montoro.

O SR. PRESIDENTE (Lomanto Júnior) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 30 minutos.)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. ALOYSIO CHAVES NA SESSÃO DE 21-8-84 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. ALOYSIO CHAVES (PDS — PA. Pela ordem.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Peço a palavra não para contraditar a questão de ordem, pois, em verdade, não há questões de ordem — apenas S. Exª fala pela ordem — para dizer a V. Exª que nós não quisemos absolutamente nos superpor à autoridade de V. Exª Apenas a Liderança do PDS, com a do PMDB, acordou em sugerir a V. Exª que esta indicação do Embaixador Leite Barbosa, para assumir o cargo do embaixador do Brasil na Colômbia, seja apreciada amanhã, quarta-feira, às 18 horas e 30 minutos. É uma sugestão das lideranças do PMDB e do PDS; e V. Exª, conforme é praxe nesta Casa, invariavelmente tem composto a Ordem do Dia de acordo com as indicações das Lideranças. (Muito bem!)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. HUMBERTO LUCENA NA SESSÃO DE 21-8-84 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. HUMBERTO LUCENA (PMDB — PB. Como Líder, pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Houve um acordo de Lideranças quanto à Ordem do Dia de hoje à noite que conteria, além da matéria incluí-

da, também, um requerimento de urgência subscrito pelos líderes, e que se encontra sobre a mesa. De minha parte não tenho nenhuma objeção a fazer à inclusão da apreciação da indicação do Embaixador Leite Barbosa, de vez que é matéria inclusive que será tratada em sessão secreta e deverá ser resolvida com a maior brevidade pelo Senado Federal. (Muito bem! Palmas.)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. ALOYSIO CHAVES NA SESSÃO DE 21-8-84 E QUE, ENTREGA À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. ALOYSIO CHAVES (PDS — PA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, apenas para explicar a V. Exª que se cogitou na semana passada de incluir numa sessão extraordinária a indicação do Embaixador Leite Barbosa para a Embaixada da Colômbia. Pela evidente falta de número naquela oportunidade, acertamos que seria feito na sessão de 4ª-feira, portanto, amanhã, às 18:30 horas. Mas a Ordem do Dia, como V. Exª já sabe, é composta de comum acordo entre as Lideranças. Se o nobre Senador Itamar Franco tem reparos a fazer à Ordem do Dia como estabelecida pelo seu Líder, eu não o tenho. É evidente que uma lembrança, um acréscimo, um adiamento, como S. Exª quiser classificar, em face da anuência já manifestada pelo nobre Líder Humberto Lucena, nada tenho a opor. Apenas lembrei que esta Ordem do Dia não estava sendo feita à revelia de V. Exª, e que ela tinha sido estabelecida como uma sugestão à Mesa, desde a semana passada, muito antes de se cogitar da regulamentação do Colégio Eleitoral, através de lei complementar. Portanto, não se trata de um expediente, de um recurso utilizado pela Liderança para tentar simplificar a Ordem do Dia.

Com esta declaração, Sr. Presidente, e em face da manifestação do nobre Líder Humberto Lucena, não tenho nada a opor que se inclua na Ordem do Dia da sessão das 18:30 horas. (Muito bem!)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. ALOYSIO CHAVES NA SESSÃO DE 21-8-84 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. ALOYSIO CHAVES (PDS — PA. Para discutir.) — Sr. presidente, Srs. Senadores, não vou responder aos discursos dos nobres Senadores Itamar Franco e Mário Maia, porque eles não foram dirigidos ao PDS, à minha Bancada. Reporto-me especificamente ao projeto de lei complementar, para declarar a V. Exª e à Casa, o que seria dispensável, que nós estamos reunidos aqui para cumprir o dever, o maior de todos, o primeiro de todos, de dar cumprimento à Constituição, conforme compromisso e juramento solene que prestamos nesta Casa, ao sermos investidos no mandato.

O art. 74, § 3º da Constituição, declara que a composição e o funcionamento do Colégio Eleitoral serão regulados em lei complementar.

Não há margem para dúvida, para interpretação e compete, sem dúvida alguma, a esta Casa e à Câmara dos Deputados, elaborar a legislação necessária para que possa funcionar e reunir-se regularmente o Colégio Eleitoral.

Parece-me claro que se o Senado Federal e a Câmara dos Deputados se omitirem do cumprimento do dever, estão implicitamente sugerindo que outros o cumpram através de uma regulamentação, como já se sugeriu, pela

Mesa do Congresso Nacional. É, portanto, dever dos Srs. Senadores — e para isso estamos reunidos hoje, extraordinariamente, nesta Casa — votar essa legislação complementar.

Creio também que não preciso dizer à Casa e à Nação da completa incoerência e contradição do PMDB, quando investe contra o Colégio Eleitoral — como já fez tantas vezes nesta Casa e na praça pública — e, agora, já se prepara, com todo o aparato necessário, para comparecer perante este Colégio e postular a eleição do seu candidato à Presidência da República. As razões invocadas são, no meu entendimento, *data venia*, inconsistentes. É absolutamente contraditória esta posição, e mostra a insinceridade dos propósitos, quando compareceram à praça pública e pleitearam insistentemente as eleições diretas.

Mas não é este o problema. Estou me reportando a este assunto em virtude da maneira como foi encaminhada a votação pelo nobre Senador Hélio Gueiros, que investiu contra o Colégio Eleitoral, acusando-o de espúrio, de ilegítimo, de uma afronta à Nação, como tantas vezes o PMDB já disse nesta Casa, mas, agora comparece e postula perante esse Colégio Eleitoral com candidato próprio.

Estamos aqui reunidos não para discutir eleição direta ou indireta, esta não é a matéria que está colocada em pauta e nem à apreciação desta Casa. Estamos aqui para cumprir expressamente, repito, como é do nosso dever, um preceito, uma norma constitucional clara e positiva, quando determina que a composição e o funcionamento do Colégio Eleitoral serão regulamentados em lei complementar. É por isso que damos inteiro apoio a este projeto de lei e o fazemos agora no encaminhamento, de acordo evidentemente, Sr. Presidente, com a emenda que, juntamente com o nobre Senador Humberto Lucena e com o nobre Senador Nelson Carneiro, tivemos oportunidade de apresentar e contra a emenda do nobre Senador Itamar Franco, porque é inoportuna e desnecessária.

Era o que eu tinha a dizer. (Muito bem! Palmas.)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. HUMBERTO LUCENA NA SESSÃO DE 21-8-84 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. HUMBERTO LUCENA (PMDB — PB — Como Líder, para encaminhar o projeto.) — Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Desejo encaminhar este projeto de lei complementar, subscrito pelos Líderes do PMDB, PDS e do PTB.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, nunca é demais lembrar, como acaba de fazer o nobre Senador Pedro Simon, a memorável campanha de mobilização popular que os Partidos de Oposição realizaram em todo o Brasil com o apoio de toda a sociedade, em prol do restabelecimento imediato das eleições diretas para Presidente da República. A Nação inteira sabe o esforço que fizemos no sentido de levar, através de uma pressão social legítima, o Congresso Nacional a aprovar a Emenda Dante de Oliveira, e conhece também as razões pelas quais ela não foi aprovada pelo Poder Legislativo brasileiro, frustrando o sentimento nacional, que era todo dirigido no sentido do voto popular para Presidente da República. Depois prosseguimos nossa luta, fizemos novos comícios às vésperas da votação da proposta enviada ao Congresso Nacional pelo Senhor Presidente da República. Mas Sua

Excelência, quando percebeu que nós, através de um referendo regimental, poderíamos restaurar as eleições "Diretas, já", retirou sua proposição e evitou que o Congresso, mais uma vez, se manifestasse a respeito do assunto. Entretanto, continuamos nossa campanha, procuramos V. Exª Sr. Presidente, várias vezes. Nós, os Líderes da Oposição, fizemos reuniões formais no gabinete de V. Exª, Sr. Presidente Moacyr Dalla, sem, no entanto, conseguirmos o acordo final das Lideranças que V. Exª exigia, para que a Emenda Theodoro Mendes fosse incluída na pauta do Congresso Nacional. Se bem que, na última reunião, fiz sentir a V. Exª, em nome do PMDB, que a nós nos parecia, já que a Emenda Theodoro Mendes estava de acordo com a cronologia, em tempo de ser incluída na pauta do Congresso Nacional, ser dispensável perfeitamente esse acordo de lideranças. Mas esse não foi e nem é o entendimento de V. Exª. Por isso, nós, dos Partidos de Oposição, através da iniciativa do Governador Tancredo Neves, que é hoje o nosso candidato à Presidência da República, devemos pedir uma audiência a V. Exª, para que todos presentes, mais uma vez manifestemos a nossa solidariedade a essa tese, porque ela se confunde com a grande aspiração nacional. Gostaríamos de que, nesse encontro ao qual deve estar presente também o nosso candidato, o Governador Tancredo Neves, também comparecesse o candidato do PDS ortodoxo, à Presidência da República, e bem assim o Presidente do PDS ortodoxo para que ali, no gabinete de V. Exª, se pudesse, afinal, fazer o grande acordo, para que o Congresso, mais uma vez, tivesse condições de votar o restabelecimento imediato das eleições diretas para Presidente da República.

Quanto ao projeto de lei complementar que apresentamos, já o disse o nobre Líder Aloysio Chaves por ocasião de sua discussão, nós não estamos nada mais, nada menos, do que cumprindo um dispositivo constitucional, qual seja o § 3º do art. 74 da Constituição Federal, que estabelece que a composição e o funcionamento do Colégio Eleitoral que serão regulados com lei complementar. A não agirmos assim, admitiríamos que a Mesa do Congresso Nacional o fizesse, isso significaria, nosso ver uma arbitrariedade com a qual, tenho certeza de que V. Exª não concordaria, porque já o disse, várias vezes, não só a nós Líderes como à Imprensa acreditada nesta Casa do Congresso Nacional. É uma decisão da Mesa nesse sentido evidentemente seria passível de um mandato de segurança ao Supremo Tribunal Federal que fatalmente, anularia o ato do colegiado do Congresso Nacional. Portanto, não vejo por que tanta celeuma em torno dessa regulamentação.

Nós do PMDB temos a consciência tranqüila, porque estamos seguindo uma decisão soberana de nossa convenção nacional, que ao lançar as candidaturas de Tancredo Neves e José Sarney para Presidente da República pelo processo indireto, definiu evidentemente uma trajetória política, sem entretanto abdicar, em nenhum momento, da continuação, como disse, da nossa luta pelo restabelecimento imediato das eleições diretas. Porque nós, como disse o nobre Senador Hélio Gueiros, em nome do PMDB, pretendemos ir ao Colégio para destruí-lo o mais depressa possível. Será sua última reunião. Através da vitória de Tancredo Neves, se não conseguirmos elegê-lo pelo voto popular até lá, nós vamos abreviar o processo da plena democratização no Brasil. (Muito bem!)